

INFERNO

DAN BROWN

INFERNO

Tradução de
FERNANDA OLIVEIRA
ANA LOURENÇO
TÂNIA GANHO



Para os meus pais...

AGRADECIMENTOS

Seguem-se os meus mais humildes e sinceros agradecimentos.

Primeiro que tudo, como sempre, ao meu editor e grande amigo Jason Kaufman, pela sua dedicação e talento, mas sobretudo pelo seu bom humor inesgotável.

À minha extraordinária mulher, Blythe, pelo seu amor e paciência com o processo de escrita, e também pelos seus magníficos instintos e candura enquanto revisora de primeira linha.

À minha incansável agente e amiga leal Heide Lange, por entabular habilmente mais conversações em mais países e sobre mais matérias do que alguma vez saberei. Estou-lhe eternamente grato pelas suas capacidades e energia.

A toda a equipa da Doubleday pelo seu entusiasmo, criatividade e esforços no que respeita aos meus livros, com um agradecimento especial a Suzanne Herz (por desempenhar tantos papéis e fazê-los todos tão bem), a Bill Thomas, Michael Windsor, Judy Jacoby, Joe Gallagher, Rob Bloom, Nora Reichard, Beth Meister, Maria Carella, Lorraine Hyland, e também ao eterno apoio de Sonny Mehta, Tony Chirico, Kathy Trager, Anne Messitte e Markus Dohle. Às pessoas incríveis do departamento comercial da Random House, que são incomparáveis.

Ao meu sensato advogado Michael Rudell, pelos seus instintos perfeitos em relação a todos os assuntos, importantes e triviais, assim como pela sua amizade.

À minha insubstituível assistente Susan Morehouse, pela sua disponibilidade e energia, sem a qual tudo se transforma em caos.

A todos os meus amigos na Transworld, em particular a Bill Scott-Kerr pela sua criatividade, apoio e entusiasmo, e também a Gail Rebeck pela sua magnífica capacidade de liderança.

À minha editora italiana, a Mondadori, sobretudo a Ricky Cavallero, Piera Cusani, Giovanni Dutto, Antonio Franchini e Claudia Scheu; à minha editora turca, a Altin Kitaplar, sobretudo a Oya Alpar, Erden Heper e Batu Bozkurt, pelos serviços especiais prestados relacionados com os locais referidos neste livro.

Aos meus excecionais editores em todo o mundo pela sua paixão, trabalho afincado e empenho.

A Leon Romero-Montalvo e a Luciano Guglielmi, pela gestão impressionante dos *sites* de tradução em Londres e Milão.

À brilhante Dr.^a Marta Alvarez González por passar tanto tempo connosco em Florença e por dar vida à arte e arquitetura da cidade.

Ao inigualável Maurizio Pimponi por tudo o que fez para melhorar a nossa visita à Itália.

A todos os historiadores, guias e especialistas que passaram generosamente o seu tempo comigo em Florença e Veneza, partilhando os seus conhecimentos: Giovanna Rao e Eugenia Antonucci, na Biblioteca Medicea Laurenziana; Serena Pini e a sua equipa, no Palazzo Vecchio; Giovanna

Giusti, na Galleria degli Uffizi; Barbara Fedeli, no Batistério e em Il Duomo; Ettore Vio e Massimo Bisson, na Basílica de São Marcos; Giorgio Tagliaferro, no Palácio do Doge; Isabella di Lenardo, Elizabeth Carroll Consavari e Elena Svalduz, em toda a cidade de Veneza; Annalisa Bruni e a sua equipa na Biblioteca Nazionale Marciana; e aos muitos outros, que não mencionei nesta lista abreviada, os meus sinceros agradecimentos.

A Rachael Dillon Fried e a Stephanie Delman, da Sanford J. Greenburger Associates, por tudo o que fazem, tanto aqui como no estrangeiro.

Às mentes excepcionais do Dr. George Abraham, Dr. John Treanor e Dr. Bob Helm, pelos seus conhecimentos científicos.

Aos meus primeiros leitores, que deram os seus pontos de vista ao longo do percurso: Greg Brown, Dick e Connie Brown, Rebecca Kaufman, Jerry e Olivia Kaufman, e John Chaffee.

Ao especialista em Internet, Alex Cannon, que, juntamente com a sua equipa na Sanborn Media Factory, se encarrega de manter as coisas a andar no mundo *online*.

A Judd e Kathy Gregg, por me proporcionarem um calmo refúgio em Green Gables, enquanto escrevia os últimos capítulos do livro.

Aos magníficos recursos *online* do «Dante Project» de Princeton, «Digital Dante» da Universidade de Columbia, e do «World of Dante».

Os lugares mais tenebrosos do Inferno estão reservados àqueles que mantêm a neutralidade em tempos de crise moral.

FACTO:

Todas as obras de arte, literatura, ciência e referências históricas citadas neste romance são reais.

«O Consórcio» é uma organização privada com escritórios em sete países. O seu nome foi alterado por razões de segurança e confidencialidade.

Inferno é o mundo inferior, tal como descrito no poema épico de Dante Alighieri, *A Divina Comédia*, que o retrata como um reino de estrutura complexa povoado por entidades conhecidas como «sombras» — almas desencarnadas presas entre a vida e a morte.

PRÓLOGO

Eu sou a Sombra.

Fujo pela cidade dolente.

Adejo pelo tormento eterno.

Subo esbaforido ao longo das margens do rio Arno... Viro à esquerda para a Via dei Castellani e sigo para norte, aninhando-me nas sombras da Uffizi.

Mesmo assim, continuam a perseguir-me.

Os seus passos tornam-se agora mais audíveis, à medida que me caçam com uma determinação implacável.

Há anos que me perseguem. A sua persistência manteve-me no mundo subterrâneo... obrigou-me a viver no purgatório... trabalhando debaixo da terra como um monstro ctónico.

Eu sou a Sombra.

Aqui, à superfície, levanto os olhos para o norte, mas não sou capaz de encontrar um caminho direto para a salvação... pois os Apeninos encobrem a primeira luz da aurora.

Passo por trás do *palazzo* com a sua torre guarnecida de ameias e o relógio de um só ponteiro... avanço em ziguezague por entre os madrugadores vendedores ambulantes que se encontram na Piazza di San Firenze. Ouço as suas vozes roucas e sinto-lhes o hálito que cheira a *lampredotto* e a azeitona assada. Atravesso em frente do Bargello,

viro para oeste em direção à flecha da torre da Badia e lanço-me com força contra o portão de ferro na base da escada.

*Deixai toda a esperança, vós que entraís.**

Faço rodar a maçaneta e entro na passagem de onde não haverá retorno, sei-o bem. Incito as minhas pernas pesadas a galgarem a escadaria estreita, que sobe em direção ao céu numa espiral de degraus de mármore macio, picados e gastos.

As vozes ecoam, vindas lá de baixo. Suplicantes.

Eles estão atrás de mim, resolutos, encurtando a distância.

Não compreendem o que aí vem... nem o que fiz por eles!

Terra ingrata!

À medida que subo, as visões tornam-se difíceis de suportar... os corpos libidinosos a contorcerem-se sob chuva incandescente, as almas glotonas a flutuarem em excremento, os pérfidos celerados imobilizados pelas garras gélidas de Satanás.

Subo os últimos degraus e chego ao topo, cambaleando quase morto em direção ao ar húmido da manhã. Corro para a muralha que se ergue à altura da minha cabeça e espreito pelas frestas. Lá em baixo fica a cidade abençoada de que fiz meu santuário contra aqueles que me exilaram.

As vozes gritam, chegam bem atrás de mim.

— O que fizeste é uma loucura!

Loucura gera loucura.

— Pelo amor de Deus — gritam —, diz-nos onde é que o escondeste!

É precisamente pelo amor de Deus que não o farei.

Estou agora encurralado, de costas contra a pedra fria. Eles olham bem fundo nos meus olhos verdes e límpidos e

as suas expressões tornam-se sombrias, passando da persuasão à ameaça:

— Sabes que temos os nossos métodos. Podemos obrigarte a dizer-nos onde está.

Foi por essa razão que subi metade do caminho até ao céu.

Sem aviso, viro-me e ergo os braços, agarrando-me ao parapeito alto com os dedos, içando-me com dificuldade até ficar de joelhos e depois de pé, vacilante, à beira do precipício. *Guiar-me através do vazio, caro Virgílio.*

Eles precipitam-se para a frente, incrédulos, querendo agarrar-me pelos pés, mas receando fazer-me perder o equilíbrio e cair. Imploram, agora, com desespero contido, mas eu já lhes virei as costas. *Sei o que tenho de fazer.*

Lá em baixo, a uma distância vertiginosa, os telhados vermelhos estendem-se pelo campo como um mar de fogo, iluminando a bela terra outrora palmilhada por gigantes... Giotto, Donatello, Brunelleschi, Michelangelo, Botticelli.

Aproximo as pontas dos pés da borda.

— Desce! — gritam eles. — Ainda não é tarde demais!

Oh, teimosos ignorantes! Será que não veem o futuro? Será que não entendem o esplendor da minha criação? A sua necessidade?

É com prazer que faço este derradeiro sacrifício... e com ele destruirei a vossa última esperança de encontrarem o que procuram.

Nunca o localizarão a tempo.

Lá em baixo, a muitas dezenas de metros, a praça empedrada atrai-me como um oásis tranquilo. Ah, como anseio por mais tempo... mas tempo é o único bem que nem mesmo a minha imensa fortuna pode comprar.

Nestes últimos segundos, olho fixamente a praça lá em baixo e avisto algo que me sobressalta.

Vejo o teu rosto.

Fitas-me lá de baixo, do meio das sombras. Os teus olhos estão pesarosos e, no entanto, sinto neles veneração pelo que fiz. Compreendes que não tenho alternativa. Por amor à Humanidade, tenho de proteger a minha obra-prima.

Mesmo agora, continua a crescer... à espera... a fervilhar sob as águas cor de sangue da lagoa que não reflete as estrelas.

Por isso, levanto os olhos dos teus e contemplo o horizonte. Dirijo a minha derradeira súplica muito acima deste mundo atribulado.

Deus Altíssimo, rogo-Vos que o mundo recorde o meu nome não como o de um pecador monstruoso, mas como o do salvador glorioso que, na realidade, sabeis que sou. Rogo que a Humanidade compreenda a dádiva que lhe deixo.

A minha dádiva é o futuro.

A minha dádiva é a salvação.

A minha dádiva é o Inferno.

Dito isto, sussurro ámen... e dou o último passo para o abismo.

CAPÍTULO

1

As memórias materializaram-se lentamente, como um borbulhar que emerge das trevas de um poço sem fundo.

Uma mulher de véu.

Robert Langdon fitou-a do outro lado de um rio cujas águas agitadas corriam rubras de sangue. A mulher estava de frente para ele na outra margem, imóvel, solene, de rosto velado. Na mão, segurava uma *tainia* azul, que erguia agora em honra do mar de cadáveres aos seus pés. O cheiro a morte pairava em todo o lado.

Procura, sussurrou a mulher. E encontrarás.

Langdon ouviu as palavras, como se ela as tivesse pronunciado dentro da sua cabeça.

— Quem és tu? — gritou, mas não emitiu qualquer som.

O tempo urge, sussurrou ela. Procura e encontrarás.

Langdon deu um passo em direção ao rio, mas viu que as águas estavam tingidas de sangue e eram demasiado profundas para atravessar. Quando Langdon voltou a levantar os olhos para a mulher de véu, os corpos aos pés dela tinham-se multiplicado. Havia agora centenas deles, talvez milhares, alguns ainda vivos, contorcendo-se em agonia, a morrer de formas inconcebíveis... consumidos pelo fogo, enterrados em fezes, devorando-se uns aos outros.

Conseguia ouvir os gritos lúgubres do sofrimento humano a ecoar através da água.

A mulher moveu-se na sua direção, estendendo os braços esguios, como que a pedir ajuda.

— Quem és tu? — gritou Langdon uma vez mais.

Em resposta, a mulher ergueu as mãos e levantou lentamente o véu que lhe cobria o rosto. Era de uma beleza impressionante, se bem que fosse mais velha do que Langdon supusera — talvez já passasse dos sessenta anos, imponente e forte, como uma estátua intemporal. Tinha um queixo bem definido, olhos profundos e eloquentes e cabelo comprido cor de prata que lhe caía em caracóis sobre os ombros. Usava um amuleto de lápis-lazúli pendurado ao pescoço — uma cobra enrolada à volta de uma vara.

Langdon sentiu que a conhecia... que confiava nela. *Mas como? Porquê?*

Ela estava agora a apontar para um par de pernas que saíam da terra em posição invertida e se agitavam convulsivamente, pertencendo aparentemente a algum pobre coitado que tinha sido enterrado de cabeça para baixo até à cintura. A coxa pálida do homem exibia uma única letra escrita em lama: R.

R?, pensou Langdon, hesitante. *Como em... Robert?*

— Sou... *eu?*

O rosto da mulher nada revelou.

Procura e encontrarás, repetiu ela.

Sem aviso, começou a irradiar uma luz branca, cada vez mais brilhante. Todo o seu corpo vibrava intensamente e, depois, num súbito ribombar, explodiu em mil estilhaços de luz.

Langdon acordou sobressaltado, aos gritos.

O quarto estava iluminado. Encontrava-se sozinho. Pairava no ar o cheiro insidioso a álcool medicinal e, algures, uma máquina apitava em calmo compasso com o batimento do seu coração. Langdon tentou mexer o braço direito, mas foi impedido por uma dor aguda. Olhou para baixo e viu uma agulha intravenosa a repuxar-lhe a pele do antebraço.

Sentiu o pulso acelerar, e as máquinas acompanharam o ritmo, apitando mais rapidamente.

Onde estou? O que aconteceu?

Langdon sentiu a nuca a latejar, uma dor excruciante. Levantou cuidadosamente o braço livre e levou a mão ao couro cabeludo, tentando localizar a origem da dor de cabeça. Por baixo do cabelo emaranhado, encontrou as protuberâncias duras de cerca de uma dúzia de pontos cheios de sangue seco.

Fechou os olhos, tentando recordar um acidente.

Nada. Um vazio total.

Pensa.

Escuridão apenas.

Um homem com uma bata de cirurgião entrou a correr, aparentemente alertado pela aceleração do monitor cardíaco de Langdon. Tinha uma barba desgrenhada, um farto bigode e olhos ternos que irradiavam uma profunda calma por baixo das sobrancelhas hirsutas.

— O que aconteceu? — conseguiu Langdon articular.
— Tive um acidente?

O homem de barba levou um dedo aos lábios e depois saiu à pressa, chamando por alguém no corredor.

Langdon virou a cabeça, mas o movimento provocou-lhe um aguilhão de dor que se espalhou pelo crânio. Respirou fundo e esperou que a dor passasse. Depois, de forma calma e metódica, inspecionou o meio assético que o rodeava.

O quarto de hospital só tinha uma cama. Não havia flores nem cartões. Langdon viu as suas roupas em cima de uma bancada próxima, dobradas e enfiadas dentro de um saco de plástico transparente. Estavam cobertas de sangue.

Meu Deus! Deve ter sido grave.

Langdon rodou a cabeça muito lentamente em direção à janela ao lado da cama. Estava escuro lá fora. Era noite. A única coisa que Langdon conseguia ver no vidro era o seu próprio reflexo — um desconhecido sem pinga de sangue, pálido e abatido, ligado a tubos e fios, rodeado de equipamento médico.

Langdon ouviu vozes a aproximarem-se no corredor e desviou o olhar para a porta. O médico estava de volta, acompanhado agora por uma mulher.

Esta parecia ter trinta e poucos anos. Vestia a bata azul do bloco operatório e tinha o cabelo louro e comprido apanhado atrás num rabo de cavalo farto, que se balançava atrás dela enquanto andava.

— Sou a doutora Sienna Brooks — disse ela ao entrar, sorrindo para Langdon. — Vou estar a trabalhar com o doutor Marconi esta noite.

Langdon acenou debilmente com a cabeça.

Alta e ágil, a doutora Brooks movia-se com o andar decidido de uma atleta. Mesmo com aquelas roupas informes, havia nela uma graciosa elegância. Apesar de Langdon não conseguir descortinar qualquer vestígio de maquilhagem, a sua pele parecia extraordinariamente lisa e a única

imperfeição era um sinal minúsculo por cima dos lábios. Os olhos, embora de um castanho suave, eram invulgarmente penetrantes, como se tivessem testemunhado experiências de uma profundidade raramente encontrada por uma pessoa da sua idade.

— O doutor Marconi não fala grande coisa em inglês — disse ela, sentando-se ao lado dele — e pediu-me para preencher a sua folha de admissão. — Brindou-o com outro sorriso.

— Obrigado — retorquiu Langdon em voz rouca.

— Muito bem — começou ela, em tom profissional. — Como se chama?

Precisou de um momento.

— Robert... Langdon.

Ela fez incidir a luz da sua lanterna de diagnóstico nos olhos de Langdon.

— Profissão?

Esta informação ocorreu-lhe ainda mais lentamente.

— Professor. História de arte... e simbologia. Universidade de Harvard.

A doutora Brooks baixou a lanterna, parecendo espantada. O médico das sobrancelhas hirsutas também parecia surpreendido.

— É... americano?

Langdon olhou-a com ar confuso.

— É que... — Ela hesitou. — Não tinha nenhuma identificação quando chegou esta noite. Vestia um casaco *Harris Tweed* e mocassins *Somerset*, por isso, supusemos que fosse britânico.

— Sou americano — assegurou-lhe Langdon, demasiado exausto para explicar a sua preferência por vestuário de bom corte.

— Dói-lhe alguma coisa?

— A cabeça — replicou Langdon, com a dor latejante agravada pela luz da lanterna de diagnóstico. Felizmente, a médica enfiou-a no bolso, segurando-lhe o pulso para medir a pulsação.

— Acordou a gritar — disse a mulher. — Lembra-se porquê?

Langdon recordou novamente a estranha visão da mulher de véu rodeada de corpos que se contorciam. *Procura e encontrarás.*

— Estava a ter um pesadelo.

— Com o quê?

Langdon contou-lhe.

A expressão da doutora Brooks manteve-se neutra, enquanto tomava notas num bloco com mola.

— Faz alguma ideia do que poderá ter desencadeado uma visão tão assustadora?

Langdon sondou a memória e depois abanou a cabeça, que latejou em sinal de protesto.

— Muito bem, senhor Langdon — disse ela, ainda a escrever. — Vou fazer-lhe duas perguntas de rotina. Em que dia da semana estamos?

Langdon pensou por um momento.

— Sábado. Lembro-me de atravessar hoje o campus, para assistir a uma série de conferências que iam ter lugar durante a tarde, e depois... é basicamente a última coisa de que me lembro. Caí, foi isso?

— Já lá chegamos. Sabe onde está?

Langdon arriscou o seu melhor palpite:

— Massachusetts General Hospital?

A doutora Brooks tomou outra nota.

— Há alguém que queira que contactemos? Mulher? Filhos?

— Ninguém — respondeu Langdon instintivamente. Ele sempre gostara da solidão e independência que a vida de solteiro lhe proporcionava, embora tivesse de admitir que, na presente situação, preferiria ter um rosto familiar ao seu lado. — Há uns quantos colegas a quem podia ligar, mas eu estou bem.

A doutora Brooks acabou de escrever e o médico mais velho aproximou-se. Alisando as sobrancelhas hirsutas, tirou um pequeno gravador do bolso e mostrou-o à doutora Brooks. Ela acenou com a cabeça para mostrar que tinha percebido e virou-se para o seu paciente.

— Senhor Langdon, quando aqui chegou esta noite, vinha a balbuciar qualquer coisa vezes sem conta. — Olhou de relance para o doutor Marconi, que levantou o gravador e carregou num botão.

Começou a passar uma gravação e Langdon ouviu a sua própria voz hesitante a murmurar repetidamente a mesma frase: *Ve... sorry. Ve... sorry.*

— Dá-me a sensação de estar a dizer: «*Very sorry. Very sorry.*»¹ — disse a mulher.

Langdon concordou e, no entanto, não se lembrava de nada. A doutora Brooks fitou-o com um olhar perturbadoramente intenso.

— Faz alguma ideia do motivo para estar a dizer isto? Há alguma coisa que lamente ter feito?

Ao esquadrihar os recantos da memória, Langdon voltou a ver a mulher de véu. Estava de pé nas margens de

¹ Lamento muito. (N. do T.)

um rio tingido de sangue, rodeada de cadáveres. O fedor a morte regressou.

Langdon foi tomado por uma sensação repentina e instintiva de perigo... não só em relação a si, mas em relação a toda a gente. Os sons do monitor cardíaco aceleraram rapidamente. Os seus músculos retesaram-se e tentou sentar-se.

A doutora Brooks colocou prontamente a sua mão firme sobre o esterno de Langdon, obrigando-o a deitar-se. Ela olhou rapidamente para o médico de barba, que foi até uma bancada próxima e começou a preparar qualquer coisa.

A doutora Brooks debruçou-se sobre Langdon, sussurrando:

— Senhor Langdon, é comum ocorrer ansiedade em caso de lesões cerebrais, mas precisa de manter a frequência cardíaca baixa. Nada de movimentos. Nada de agitação. Deixe-se estar deitado e repouse. Vai ficar bem. A sua memória há de voltar aos poucos.

O médico regressou com uma seringa, que entregou à doutora Brooks. Esta injetou o conteúdo no dispositivo intravenoso de Langdon.

— É só um sedativo leve para o acalmar — explicou ela — e também para ajudar a aliviar a dor. — Pôs-se de pé para se ir embora. — Vai ficar bem, senhor Langdon. Agora, durma. Se precisar de alguma coisa, carregue no botão que tem na cabeceira da cama.

Ela apagou a luz e saiu com o médico de barba.

Às escuras, Langdon sentiu os medicamentos entrarem no organismo quase instantaneamente, arrastando o

seu corpo de volta ao poço fundo de onde saíra. Lutou contra aquela sensação, forçando os olhos a abrirem-se na escuridão do quarto. Tentou sentar-se, mas o corpo parecia cimento.

Ao mudar de posição, Langdon voltou a ficar virado para a janela. Com as luzes apagadas, o seu reflexo desaparecera no vidro escuro, substituído pela linha do horizonte iluminada.

No meio do contorno de pináculos e cúpulas, havia uma fachada majestosa que dominava o campo de visão de Langdon. O edifício era uma imponente fortaleza de pedra, com um parapeito denteado e uma torre de noventa metros que se tornava mais larga perto do topo, formando uma estrutura saliente e maciça de ameias e balestreiros.

Langdon sentou-se na cama muito direito, com a cabeça a explodir de dor. Tentou ignorar o latejar excruciante e fixou o olhar na torre.

Langdon conhecia bem a estrutura medieval.

Era única no mundo.

Infelizmente, também ficava localizada a seis mil e quinhentos quilómetros do Massachusetts.

Do lado de fora da janela, escondida nas sombras da Via Torregalli, uma mulher bem constituída desmontou sem esforço da sua mota *BMW* e avançou com a energia de uma pantera atrás da sua presa. Tinha um olhar penetrante. O cabelo cortado curto — penteado de forma a ficar espetado — sobressaía contra a gola virada para cima do seu fato de cabedal preto de *motard*. Verificou a arma munida de

silenciador e olhou lá para cima, para a janela onde a luz de Robert Langdon acabara de se apagar.

Há pouco, a sua missão original tinha corrido horri-
velmente mal.

O arrulhar de uma única pomba mudara tudo.

Agora, tinha vindo corrigir a situação.